

COMO OS AGITADORES PREJUDICAM NOSSOS MOVIMENTOS

Alguns exemplos históricos e ideias para reduzir
os riscos

Steve Chase

INTRODUÇÃO

Em 2011, um jovem jornalista norte-americano chamado Chris Steele pediu uma entrevista a Noam Chomsky, o renomado acadêmico e ativista mundial. Steele levou alguns meses para organizar a entrevista, mas finalmente conseguiu sentar-se no escritório do professor Chomsky, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em Cambridge. Ao contrário da maioria dos jornalistas que conversaram com Chomsky, Steele começou a entrevista perguntando sobre o impacto dos agitadores nos movimentos de base pelos direitos humanos, justiça social, liberdade política e sustentabilidade ecológica. (Steele, 2012).

Inicialmente, Steele se interessou pelo problema dos agitadores — falsos ativistas infiltrados que trabalham para os opositores dos movimentos — após testemunhar sua possível participação em um protesto do Occupy Wall Street que ele estava cobrindo em Denver, Colorado, no dia 14 de outubro de 2011¹. Como visitante frequente do crescente acampamento não violento de apoiadores do movimento, Steele notou que, naquele dia em particular, um pequeno grupo de manifestantes “que nunca tinham sido vistos antes” começou a reunir outros manifestantes e a separá-los da multidão principal. Então, os mesmos “manifestantes” começaram a se envolver e incitar ao “vandalismo e à violência.” No caos e na confusão resultantes, a polícia entrou atacando todo o acampamento, derrubando barracas, agredindo manifestantes, efetuando prisões e, por fim, desalojando à força todos os ativistas da praça pública.

Em um esforço para entender o que viu naquele dia, Steele entrevistou alguns organizadores locais do Occupy com esse objetivo. Eles lhe disseram que “esse tipo de ação é frequente em protestos onde agitadores se infiltram para incitar a violência com o intuito de desacreditar um movimento não violento.” Intrigado, Steele foi à biblioteca e começou a ler toda a literatura que conseguiu encontrar sobre “manifestações e agitadores”. Isso o levou a pedir uma entrevista a Chomsky.

No entanto, Steele ficou ainda mais surpreso quando Chomsky lhe disse que o uso de agitadores para reprimir movimentos sociais era “muito rotineiro” ao longo da história e em muitos países ao redor do mundo. Falando de sua própria experiência anterior como ativista nos movimentos contra a Guerra, que rejeitavam a agressão dos Estados Unidos ao Vietnã, Chomsky explicou:

Uma lição que tivemos que aprender muito rápido é que, se há alguém no grupo... que grita, sabe, “Fora a Polícia” ou “Vamos quebrar algumas vitrines” ou o que for, é muito provável que você o veja no tribunal

¹ Nota: Alguns ativistas e acadêmicos utilizam o termo plural “agentes provocadores”, que é uma derivação direta do termo original em francês. Outros usam uma versão anglicizada do termo francês e se referem a “agente provocador”. Este artigo utiliza a versão “agitadores”, como consta no glossário desenvolvido pelo ICNC, exceto quando se cita diretamente alguém.

testemunhando para a Polícia, porque esse é o trabalho dele, sabe, tentar transformar o ativismo em algo que afaste o público... e que dê motivos para a repressão (citado em Steele, 2012).

Chomsky chegou a descrever o padrão básico dos agitadores por meio de operações de longo prazo que buscam armadilhas, as quais ele aprendeu “ao observar os casos do FBI.” Geralmente, um agitador se junta a um movimento e depois “entra em contato com um grupo de garotos” dentro do grupo, que são “uma espécie de pontas soltas”. O provocador busca ativistas vulneráveis que “não sabem o que estão fazendo” ou estão “confusos”. O objetivo aqui é que, quando o provocador “lhes sugere algo ou lhes oferece algum dinheiro, em pouco tempo estarão tentando colocar uma bomba falsa em algum lugar para serem presos e encarcerados” (citado em Steele, 2012).

O USO DE AGITADORES PARA REPRIMIR OS MOVIMENTOS SOCIAIS TEM SIDO “TÃO ROTINEIRO” AO LONGO DA HISTÓRIA

Chomsky concluiu sua resposta a Steele dizendo: “Mas isso é tão rotineiro que nem faz sentido dar exemplos” (citado em Steele, 2012). Como ativista de longa data, acredito que Chomsky tem apenas meia verdade aqui. É rotineiro, sim; mas o problema dos agitadores ainda não é muito conhecido por muitos ativistas e organizadores. Como essa falta de conscientização aumenta a vulnerabilidade de um movimento diante da ação dos agitadores, quero compartilhar alguns exemplos históricos da atuação de agitadores ao redor do mundo, incluindo um estudo de caso aprofundado sobre o Movimento de Libertação Negra nos Estados Unidos. Espero que esta análise encoraje os organizadores da resistência civil a refletirem mais profundamente sobre o que pode ser feito para minimizar o impacto negativo dos agitadores e dos comportamentos semelhantes aos dos agitadores presentes nos movimentos por paz, justiça, direitos humanos e sustentabilidade. A seguir, encerrarei este ensaio compartilhando alguns primeiros passos úteis para alcançar esse objetivo.

INSTANTÂNEOS DE AGITADORES EM TODO O MUNDO

CERTAMENTE, NÃO SOU O PRIMEIRO ativista da resistência civil ou acadêmico a focar nesse tema. No livro agora clássico *Waging Nonviolent Struggle*, Gene Sharp explica a lógica estratégica que guia as elites do poder em todo o mundo sempre que os movimentos de resistência civil começam a se mobilizar. Como ele aponta, as elites do poder rotineiramente buscam enfraquecer esses movimentos rompendo a “disciplina não violenta dos que resistem” e provocando a violência do movimento por meio de uma combinação de “repressão severa” e do uso de “espiões e agitadores” para justificar uma repressão governamental mais intensa e para prejudicar o movimento aos olhos do público (Sharp, 2005).

Um exemplo ilustrativo citado no livro de Sharp ocorreu durante o surgimento do movimento popular de resistência não violenta contra o ditador da Guatemala, em junho de 1944. Apenas um mês antes dessa campanha na Guatemala, o povo de El Salvador havia utilizado com sucesso a resistência civil em massa para pôr fim à ditadura do general Maximiliano Hernández Martínez. Essa vitória inspirou o povo da vizinha Guatemala e causou pânico no general Jorge Ubico Castañeda, que havia governado com mão de ferro o país por 13 anos. Ubico era um ditador impiedoso. Em 1934, havia declarado: “Sou como Hitler... primeiro executo e depois faço o julgamento” (citado em Sharp, 2005). Em uma declaração pública de 1944, também disse: “Enquanto eu for presidente, nunca permitirei uma imprensa livre nem liberdade de associação, porque o povo da Guatemala não está pronto para uma democracia e precisa de uma mão firme” (citado em Sharp, 2005).

A campanha de resistência na Guatemala começou com esforços reformistas muito específicos e limitados. O primeiro foi um abaixo-assinado de vários advogados corajosos que pediam a destituição de um juiz corrupto. Em seguida, mais de 200 professores da Universidade Nacional apresentaram uma petição ao governo exigindo aumento salarial. Logo, os estudantes começaram a organizar manifestações muito maiores e mais combativas no campus, em apoio à petição e exigindo a reintegração de dois professores demitidos, a libertação de vários estudantes presos e plena autonomia e liberdade acadêmica na universidade. Os estudantes também ameaçaram iniciar uma greve estudantil caso suas demandas não fossem atendidas. Quando o governo de Ubico reprimiu essas ações com a imposição da lei marcial, os estudantes iniciaram a greve, mas também realizaram manifestações fora do campus e incentivaram o povo guatemalteco a apoiá-los.

Depois que, certa tarde, uma marcha disciplinada liderada por estudantes passou pelo Palácio Nacional e pela Embaixada dos Estados Unidos, naquela mesma noite foi organizada uma manifestação não violenta muito maior, na qual professores, advogados e alguns trabalhadores se uniram aos estudantes para exigir, pela primeira vez, a renúncia de Ubico. Alarmado com o movimento emergente de resistência civil contra seu regime autoritário, o governo de Ubico infiltrou agitadores

nas manifestações em curso para promover a destruição de propriedades e a violência. Isso levou a polícia a atacar e prender centenas de manifestantes não violentos, enquanto ignorava os agitadores.

Felizmente, os agitadores foram desmascarados e o povo ficou ainda mais indignado com o governo. Curiosamente, em vez de convocar novas manifestações em massa diante do Palácio Nacional para protestar contra o Governo, que os organizadores temiam que pudesse ser enfraquecido por agitadores mais habilidosos, o movimento convocou uma greve geral até que Ubico renunciasse. Essa mudança de tática foi bem-sucedida. Como observou Sharp (2005):

As ruas estavam vazias. Operários, empresários, comerciantes, vendedores de mercado e motoristas de ônibus aderiram à greve, da qual já participavam estudantes, professores e advogados... O Exército e a Polícia não sabiam o que fazer. Todo mundo estava em casa, e não havia nenhum grupo organizado específico que pudessem atacar.

Pouco depois, a vitória do povo chegou de forma marcante. Em 1º de julho de 1944, o general Ubico entregou sua carta de renúncia e deixou o Palácio. A resistência civil e as negociações continuaram por algum tempo, seguidas de eleições e de uma “primavera democrática” de dez anos.

Outro exemplo do uso de agitadores citado no livro de Sharp vem da Tailândia. Em 23 de fevereiro de 1991, um grupo militar autodenominado Conselho Nacional para a Manutenção da Paz (NPKC, na sigla em inglês) deu um golpe de Estado. Em resposta, surgiu um movimento em prol da democracia, que foi ganhando força ao longo do tempo por meio de numerosas manifestações em massa, greves de fome, críticas públicas ao regime militar e a organização de um processo de diálogo público popular que elaborou uma “constituição do povo” alternativa para desafiar os militares. O movimento adotou, de forma esmagadora, a resistência civil disciplinada como sua abordagem estratégica, o que colocou os governantes militares em séria desvantagem. Como anunciou a principal organização coordenadora do movimento, “nosso princípio era lutar de maneira não violenta contra a nomeação [como primeiro-ministro] do general Suchinda utilizando ação simbólica e direta” (citado em Sharp, 2005). Um jornal tailandês que permaneceu aberto também publicou uma tradução de um artigo de Gene Sharp sobre como derrotar os golpes de Estado por meio da resistência não violenta, e milhares de folhetos foram distribuídos em manifestações em massa baseados na lista de Sharp com “198 métodos de ação não violenta”, mas foram descritos em tailandês como “198 formas de lutar contra o demônio”.

Desconcertado, o regime militar lançou um aviso público: “que a paz e a ordem seriam mantidas por qualquer meio necessário” (citado em Sharp, 2005). Ele também intensificou seus esforços de repressão, mas, quando estes não foram suficientes para quebrar a disciplina dos participantes do movimento, o regime

começou a usar agitadores para incitar os ativistas a usarem violência contra o governo militar.

Os líderes do movimento suspeitaram que essa tática da elite do poder foi usada quando uma marcha em massa foi bloqueada por caminhões de bombeiros em um caminho estreito, uma barricada foi montada e um grande número de policiais começou a agredir as pessoas. O povo ficou indignado com as agressões e alguns manifestantes, embora ainda desarmados, começaram a arremessar tijolos e garrafas contra os policiais e cometeram atos de vandalismo. Uma delegacia próxima também foi incendiada, e as autoridades não fizeram nada para impedir. A especulação do movimento sobre a quantidade de agitadores envolvidos foi intensa depois, já que jornalistas relataram que as primeiras pessoas a danificar veículos próximos eram policiais à paisana. Em entrevistas posteriores, até dois policiais especularam que os responsáveis por incendiar a delegacia provavelmente eram agitadores.

Pouco depois dessa manifestação irregular, o governo militar usou a suposta violência do movimento e a destruição de propriedades como pretexto para declarar estado de emergência e, em seguida, intensificou sua repressão ao movimento pela democracia, incluindo disparos contra multidões de manifestantes. Por fim, o movimento de resistência, em grande parte não violento, alcançou seu objetivo de pôr fim ao golpe de Estado, mas o número de vítimas foi alto. Pelo menos 52 civis morreram e outros 300 civis ficaram feridos por tiros, enquanto aproximadamente 250 pessoas também desapareceram.

O GOVERNO MILITAR UTILIZOU A SUPOSTA VIOLÊNCIA DO MOVIMENTO COMO DESCULPA PARA DECLARAR O ESTADO DE EMERGÊNCIA E, EM SEGUIDA, INTENSIFICOU SUA REPRESSÃO.

Alguns movimentos mordem o anzol ainda pior e não se recuperam nem conseguem vencer. O movimento a favor da democracia na Síria, em 2011, é um exemplo doloroso. Quando os protestos não violentos estavam no auge entre março e junho de 2011, foi informado que o regime de Assad deixava provisões de armas nas ruas das cidades rebeldes (Kahf e Bartkowski, 2013), o que desviou alguns ativistas do movimento para a luta armada. A Síria rapidamente caiu numa guerra civil, e o regime de Assad sobrevive até hoje.

No entanto, outros movimentos encontraram maneiras de resistir a tais provocações. Por exemplo, alguns líderes do movimento no Sudão, que derrubou o ditador Omar al-Bashir em 2019, descobriram que agitadores estacionavam caminhonetes com armas e munições perto dos locais de manifestações massivas, com as portas abertas escancaradas. Quando descobriram as caminhonetes,

grupos de mulheres mais velhas e organizadas cercaram rapidamente os veículos para evitar que jovens manifestantes pegassem as armas durante as manifestações voláteis. Dessa forma, os organizadores do movimento encontraram uma maneira eficaz de se proteger contra as influências negativas dos agitadores e manter uma resistência não violenta mais efetiva.

Outro bom exemplo é o do movimento operário independente polonês Solidariedade, na década de 1980, contra o regime comunista autoritário na Polônia, liderado pelo general Jaruzelski. Por meio de uma notável e incansável organização popular, o sindicato independente conseguiu uma filiação de 10 milhões de trabalhadores e obteve amplo apoio público para as ações de resistência civil que liderou, inicialmente pelo sindicalismo independente e, por fim, pela reforma democrática do governo dominado pelos soviéticos. O general Jaruzelski respondeu a esse movimento a favor da democracia com a lei marcial e repressão. Para aumentar sua vantagem, o governo também infiltrou muitos agitadores dentro da Solidariedade para que incitassem seus membros a responder à lei marcial organizando um derrube violento do governo comunista.

Como relatou um líder da Solidariedade, o movimento rejeitou totalmente esse conselho estratégico perigoso e infrutífero dado por supostos membros do sindicato. Eles o viram como “o último ato de um regime moribundo” (citado em York, 2000). O conselho dos agitadores foi simplesmente rejeitado como uma ação imprudente e não estratégica que apenas teria fornecido à União Soviética uma justificativa para invadir e ocupar a Polônia. No entanto, a disciplinada estratégia de resistência civil do movimento Solidariedade permitiu que eles pusessem fim à lei marcial e, finalmente, derrubassem o governo autoritário.

Outro caso comprovado de um regime autoritário que tentou usar agitadores sem sucesso foi quando a China enviou um ex-soldado desse país para Dharamsala, na Índia (sede do governo tibetano no exílio), para “se juntar” ao movimento de Libertação do Tibete. Após ter sido acusado e julgado em um tribunal da Índia, ele testemunhou que foi enviado nessa missão para anular as acusações contra ele por má conduta nas forças armadas chinesas. Como destacou um artigo do *Tibetan Review* (2009), “foi informado que a missão de Lei Xun era coletar, fabricar ou agir como um agitador” para validar a alegação do governo chinês de que o Dalai Lama apoiou diretamente os distúrbios e os atos isolados de violência que ocorreram durante o levante tibetano de março de 2008. O agente chinês foi desprezado muitas vezes por todos aqueles que foram seus alvos na Índia, que praticamente o repreenderam dizendo que o Dalai Lama apoia apenas o ativismo não violento. O firme compromisso do grupo em manter a conduta não violenta em sua organização os protegeu das táticas disruptivas do agitador.



Um cartaz que utilizava o rosto do policial disfarçado Mark Kennedy, também conhecido como Mark Stone, foi pendurado nos corrimãos em um piquete de solidariedade antes de uma audiência sobre o uso de policiais disfarçados na infiltração de campanhas ambientais e de justiça social, em 15 de janeiro de 2016.

Também há muitos exemplos do uso de agitadores em países mais democráticos. Por exemplo, após a imposição de leis draconianas na Índia pela primeira-ministra Indira Gandhi, em meados e no final da década de 1970, os sikhs em Punjab começaram a “fabricar ou agir como um agitador” para validar a alegação do governo chinês de que o Dalai Lama apoiou diretamente os distúrbios e os atos isolados de violência que ocorreram durante o levante tibetano de março de 2008. O agente chinês foi desprezado muitas vezes por todos aqueles que foram seus alvos na Índia, que praticamente o repreenderam dizendo que o Dalai Lama apoia apenas o ativismo não violento. O firme compromisso do grupo em manter a conduta não violenta em sua organização os protegeu das táticas disruptivas do agitador.

Também há muitos exemplos do uso de agitadores em países mais democráticos. Por exemplo, após a imposição de leis draconianas na Índia pela primeira-ministra Indira Gandhi, em meados e no final da década de 1970, os sikhs em Punjab começaram a fazer campanha por maior autonomia estadual em relação ao governo nacional. Agora está documentado que, em 1984, agitadores infiltrados que trabalhavam em nome do governo central indiano começaram a promover a tática de uma ocupação armada do prédio “Akal Takhat (‘Trono do Imortal’) dentro do complexo do Templo Dourado em Amritsar” (Singh, 2016). Essa estratégia clandestina forneceu à Índia uma desculpa para justificar uma brutal intervenção militar do Exército nacional e um aumento massivo da violência repressiva em grande parte do estado de Punjab. De fato, milhares de sikhs – agora apresentados

pelo governo indiano e pela grande mídia do país como equivalentes a selvagens sedentos de sangue – foram assassinados pelo exército indiano.

*ESSES DOIS “ATIVISTAS”
APRESSARAM-SE A CHEGAR
ÀS FILAS POLICIAIS, MOSTRARAM
ALGUM TIPO DE IDENTIFICAÇÃO E
RAPIDAMENTE FORAM LIBERADOS*

Outro exemplo importante é como, em 2010, Mark Kennedy, um agitador da polícia infiltrado, foi exposto no Reino Unido por promover violência, destruição de propriedade, discórdia interna e a demonização “radical” de ativistas não violentos como vendidos e tolos, enquanto durante sete anos se passou por ambientalista e ativista pela paz usando o pseudônimo Mark Stone. O que desencadeou sua exposição foi quando, em 2009, “Stone” foi preso junto com cinco ativistas reais e acusado de conspirar para sabotar uma usina elétrica. O caso desmoronou quando os outros cinco investigaram o papel de “Mark Stone” e depois testemunharam sugerindo que Kennedy era um agitador e não só havia sido o planejador principal, mas também financiado as atividades do pequeno grupo, o que é ilegal segundo o direito comum britânico (Lewis e Evans, 2011). Ativistas de pelo menos outras três campanhas por paz ou meio ambiente na Irlanda e na Inglaterra também testemunharam que Kennedy se infiltrou em suas campanhas, incluindo a campanha Shannonwatch, que se opõe ao uso dos aeroportos irlandeses pelas forças militares dos Estados Unidos, a campanha Shell to Sea, que se opõe ao projeto de gás Shell Corrib no condado de Mayo, assim como uma campanha de resistência contra o caos climático (Belfast Telegraph, 2017).

Posteriormente, um jornalista documentou que a polícia pagou Kennedy e financiou sua operação com recursos arrecadados por impostos no valor de “até £250.000 por ano” para seus esforços em tornar os movimentos menores, mais fracos e mais fáceis de reprimir (Dodd, 2011).

Mais tarde, o escândalo de Mark Kennedy provocou novas investigações por jornalistas do jornal *The Guardian* em parceria com ativistas no Reino Unido e ao redor do mundo. Essa aliança criou rapidamente o site Projeto de Pesquisa Encoberta. Até agora, nesse site, foram expostos cerca de mil casos comprovados, ou prováveis, de agentes infiltrados que atuaram em movimentos sociais na Inglaterra, Canadá e União Europeia. Um caso típico envolve testemunhas confiáveis, negação por parte da polícia e nenhuma decisão judicial formal. Isso ocorreu no caso dos protestos do G20 em Londres, em 2009. Em grande parte, esses protestos massivos foram não violentos, e os organizadores acreditavam que aqueles que jogavam pedras, quebravam janelas, incendiavam carros e incitavam outros a fazê-lo eram agitadores pagos. Essa suspeita se tornou mais plausível

quando o parlamentar Tom Brake observou que dois desses ativistas que provocavam o restante da multidão foram repentinamente acusados pelos ativistas ao redor de serem agentes da polícia. Em seguida, esses dois “ativistas” se apressaram a chegar às filas policiais, mostraram algum tipo de identificação e rapidamente foram liberados para desaparecer da manifestação (Doward e Townsend, 2009).

De forma semelhante, em preparação para a cúpula do G20 de 2010 no Canadá, a Real Polícia Montada do Canadá iniciou uma operação de 18 meses que envolveu cerca de 500 agentes, muitos deles infiltrados, incluindo alguns que se fizeram passar por ativistas por justiça global e até chegaram a morar com eles. Alguns desses agentes infiltrados tentaram convencer os ativistas por justiça global a cometer atos de violência. Um jornalista escreveu sobre esse caso, dizendo:

“Foi pedido ao oficial infiltrado Bindo Showan (conhecido durante sua infiltração como Khalid Mohammed) que parasse de frequentar reuniões de um grupo ativista em Guelph porque estava promovendo uma agenda de danos à propriedade e violência. Embora a identidade de Showan como policial infiltrado só tenha sido confirmada quando o promotor da Coroa solicitou em novembro de 2011 que a proibição de publicação sobre agentes infiltrados fosse levantada, os ativistas do sul de Ontário começaram a desconfiar dele no início de 2009. Showan se destacou porque suas ações e sugestões muitas vezes iam contra o estilo [não violento] dos grupos nos quais tentava se infiltrar” (Flegg, 2012).

Andre Marin, o Ombudsman de Ontário, classificou a grande operação infiltrada como “o maior risco às liberdades civis na história do Canadá” (citado em Flegg, 2012).

Talvez a maior exposição pública mundial da atividade de vigilância, infiltração e uso de agitadores pelo governo contra movimentos sociais tenha ocorrido nos Estados Unidos, depois que um ativista invadiu durante a madrugada o escritório local do Federal Bureau of Investigation (FBI) em Media, Pensilvânia, em 1971. Como é destacado no documentário *1971*, esse pequeno grupo de ativistas pela paz estava cansado da contínua repressão contra a liberdade de expressão, o direito de reunião e a busca de reparação de danos por parte de um governo supostamente democrático (Hamilton, 2014). Após estudar as muitas caixas de documentos roubados, esses ativistas encontraram uma confirmação clara da existência e das atividades da agora infame campanha do FBI contra os movimentos pela paz e justiça social.

SAC, Los Angeles (157-4054) 5/6/70
 EC-56
 Director, FBI (100-448005) -1766 1 - [REDACTED]
 MAIL

COUNTERINTELLIGENCE PROGRAM
 BLACK NATIONALIST HATE GROUPS
 RACIAL INTELLIGENCE - BLACK PANTHER PARTY

Reurairtel 4/27/70.

Resairtel requests Bureau authority to forward a letter from a fictitious person to Hollywood, California, gossip columnists to publicize the pregnancy of Jean Seberg, well-known white movie actress, by [REDACTED] BPP. [REDACTED] to possibly cause her embarrassment and tarnish her image with the general public. Information from [REDACTED] indicated that Seberg was four months pregnant by [REDACTED].

To protect the sensitive source of information from possible compromise and to insure the success of your plan, Bureau feels it would be better to wait approximately two additional months until Seberg's pregnancy would be obvious to everyone. If deemed warranted, submit your recommendation at that time.

1 - San Francisco

JFM:drl
 (5)

NOTE:

Jean Seberg has been a financial supporter of the BPP and should be neutralized. Her current pregnancy by [REDACTED] while still married affords an opportunity for such effort. The plan suggested by Los Angeles appears to have merit except for the timing since the sensitive source might be compromised if implemented prematurely. A copy is designated to San Francisco since its sensitive source coverage is involved.

Tolson _____
 DeLoach _____
 Mohr _____
 Bishop _____
 Casper _____
 Callahan _____
 Conrad _____
 Felt _____
 Gale _____
 Rosen _____
 Sullivan _____
 Tavel _____
 Soyars _____
 Tele. Room _____
 Holmes _____

MAILED 21
 MAY 8 1970
 COMM-FBI

97 MAY 8 1970

Informe del Programa de Contrainteligencia redactado por el FBI, 1970

Depois, eles garantiram que essa informação chegasse aos principais meios de comunicação e a membros simpatizantes do Congresso dos EUA, que iniciaram audiências públicas.

Os documentos, as audiências e os relatórios de investigação revelaram provas perturbadoras. Entre 1956 e 1971, o FBI, em coordenação com os departamentos de polícia locais, executou o que chamou de programas de contrainteligência (COINTELPRO, na sigla em inglês) contra numerosos movimentos sociais que buscavam reformas de paz e justiça por meio de uma combinação de canais institucionais normais e táticas de resistência civil, assim como alguns grupos que defendiam a autodefesa armada. Como citam Ward Churchill e Jim Vander Wall (1990) de sua enorme coleção publicada de documentos, *The COINTELPRO Papers*, os objetivos declarados dessas operações eram “perturbar e desestabilizar”, “paralisar”, “destruir” e “neutralizar” movimentos populares que buscavam justiça social, igualdade, direitos humanos e paz. A campanha COINTELPRO do governo em nome das elites do poder dos EUA foi até descrita por um pesquisador do Congresso como “uma operação sofisticada de vigilância” (citado em Churchill e Vander Wall, 1990).

Churchill e Vander Wall também identificam vários elementos centrais das operações do COINTELPRO, um deles sendo o uso extensivo de agitadores que foram inseridos dentro dos movimentos sociais progressistas. Esses documentos revelaram, por exemplo, o uso de agitadores no movimento pela paz que se opunha à guerra dos Estados Unidos contra o povo vietnamita. Os grupos-alvo incluíram Estudantes por uma Sociedade Democrática (SDS, na sigla em inglês), Veteranos do Vietnã Contra a Guerra (VVAW, na sigla em inglês) e o Comitê Nacional de Mobilização para Terminar a Guerra no Vietnã.

Gary Marx, um sociólogo que pesquisa agitadores nos EUA, também relata vários exemplos similares em seu trabalho. Um dos mais reveladores é sobre o agitador do FBI apelidado de “Tommy, o viajante”. Citando reportagens no *New York Times*, Marx (1974) explica:

“Tommy, o viajante”, passando-se por organizador do SDS, ofereceu bombas, armas e lições de táticas de guerrilha a estudantes em vários campi de Nova York. Dois estudantes a quem ensinou a fazer coquetéis molotov incendiaram o prédio do ROTC no campus e foram imediatamente presos.

Tommy, o viajante, admitiu algo ainda mais revelador: ‘Há mil tipos no campo como eu’” (citado em Marx, 1974).

AGITADORES TRABALHANDO PARA ENFRAQUECER O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NEGRA DOS EUA

Uma das revelações mais impactantes sobre o programa COINTELPRO foi o forte assédio ao movimento não violento que buscava justiça e direitos humanos para os afro-americanos nas décadas de 1950 e 1960. O FBI focou especialmente em Martin Luther King Jr. e sua organização chamada “Southern Christian Leadership Conference” (SCLC), que ajudou a organizar campanhas de resistência civil para garantir aos cidadãos negros o direito ao voto e outros direitos a partir de 1957. Contudo, a vigilância do FBI sobre King e o SCLC foi apenas uma escalada da longa investigação à Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP), que começou muito antes de o FBI passar a usar oficialmente o termo COINTELPRO para descrever suas operações secretas e repressivas contra o movimento.

A NAACP havia se limitado a usar táticas institucionais normais de mudança política, como processos judiciais e lobby, mas, porque seu objetivo de justiça racial não servia aos interesses da elite do poder na época, seus líderes e membros mais ativos foram vigiados, tiveram seus telefones grampeados e foram delatados por infiltrados do FBI. A justificativa oficial do FBI para isso, em declarações públicas, foi buscar “domínio comunista” dentro da organização e provar que ela estava sob influência de uma “potência estrangeira hostil” (citado em Churchill e Vander Wall, 1990). Contudo, tal evidência nunca foi encontrada, mesmo após uma extensa investigação entre 1941 e 1966 que envolveu 151 informantes, cerca de 3.000 escutas telefônicas ilegais e mais de 800 microfones escondidos nas casas dos membros e nas salas de reunião da organização. Ainda assim, o FBI tentou obrigar todos os membros da NAACP a se registrarem no governo como subversivos, até que esse abuso da Constituição dos EUA foi bloqueado pela Suprema Corte.

O SCLC de King era considerado ainda mais perigoso para os interesses da elite do poder do que a NAACP, porque mobilizava milhares, e em última instância milhões, de afro-americanos e seus aliados para participar em campanhas de resistência civil massiva por direitos humanos e justiça social, e essas campanhas de resistência não violenta conquistavam cada vez mais reformas reais. O pânico só aumentou quando King começou a ligar os problemas do racismo, militarismo e desigualdade econômica e pediu mudanças estruturais ainda maiores na sociedade americana. A última campanha organizada por King antes de seu assassinato em 1968 foi a Campanha dos Pobres. Essa campanha, iniciada pelo SCLC, trabalhava para construir uma coalizão interracial nacional utilizando táticas de resistência civil militante em apoio a uma ampla agenda de justiça econômica, que King esperava que provocasse uma mudança nos EUA para uma alternativa política e econômica mais democrática, tanto para o capitalismo corporativo quanto para o comunismo.

O que hoje se sabe sobre a tentativa secreta do FBI de destruir os movimentos de justiça social associados a King é instrutivo. Começou com um relatório de 1957 da sede nacional do FBI para seu escritório em Atlanta, Geórgia, depois que King liderou o bem-sucedido boicote aos ônibus de Montgomery em 1955-56. O relatório incluía um recorte de jornal sobre a fundação do SCLC e ordenava ao escritório local que iniciasse vigilância ao pessoal do SCLC, indicando: “em vista do propósito declarado da organização, deve permanecer alerta a informações de fonte pública relacionadas à sua conexão com a situação racial” (citado em Churchill e Vander Wall, 1990).

Em 1960, o FBI começou uma ampla infiltração na organização, e em 1963 Robert F. Kennedy, então procurador-geral dos EUA, autorizou grampos telefônicos em todos os escritórios regionais do SCLC, na residência de King e em quartos de hotel, além de buscas nos escritórios dos parceiros de King. Como apontaram Churchill e Vander Wall (1990):

As razões para essa atenção crescente e secreta ao reverendo Dr. King foram postuladas em uma monografia interna sobre o tema, preparada pelo especialista em contrainteligência do FBI Charles D. Brennan a pedido do diretor do COINTELPRO, William C. Sullivan, em setembro de 1963. Nesse documento de 11 páginas, Brennan concluiu que, dado o apoio que King havia atraído nos cinco anos anteriores, a agitação pelos direitos civis representava uma clara ameaça à “ordem estabelecida” dos EUA, e que “King está crescendo em importância dia a dia, como o líder entre os líderes do movimento negro... assim vai Martin Luther King, e também vai o movimento negro nos Estados Unidos”.

William Sullivan também escreveu um relatório após a massiva Marcha em Washington por Emprego e Liberdade de 1963, que contou com o famoso discurso “Eu Tenho um Sonho” de King. Nele, Sullivan compartilhava a opinião dos líderes do FBI de que “devemos marcá-lo agora, se ainda não o fizemos antes, como o negro mais perigoso para o futuro da nação” (citado em Churchill e Vander Wall, 1990). Ele chegou a chamar King de uma ameaça à “segurança nacional” e acrescentou ominosamente: “é ingênuo limitar [nossas ações contra King] a provas legais que resistiriam nos tribunais ou em comissões do Congresso” (citado em Churchill e Vander Wall, 1990).

Isso significou incriminar King com histórias negativas na mídia. Quando isso não destruiu a liderança de King, e ele ainda recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964, Sullivan autorizou uma operação COINTELPRO ainda mais assustadora. Sullivan instruiu seus agentes a editar as gravações de áudio do FBI sobre as infidelidades sexuais de King em quartos de motéis de todo o país e as enviaram a King com uma carta anônima dizendo para ele se suicidar antes de receber o prêmio ou as fitas seriam tornadas públicas. Os agentes fizeram isso, mas não funcionou. King não cedeu a essa chantagem.

Com crescente frustração, a direção do FBI logo ampliou seu programa de infiltrar agitadores nas campanhas de direitos humanos e justiça social associadas a King para criar divisões, rivalidades, escândalos e uma diminuição da disciplina não violenta. Como relatava um informe do FBI a seus agentes infiltrados e ativos integrados em várias campanhas do movimento, eles agora estavam autorizados a "inspirar ações nos casos em que as circunstâncias o justificassem" (citado em Churchill e Vander Wall, 1990). Isso marcou uma mudança totalmente autorizada e generalizada de agentes que trabalhavam principalmente como informantes secretos para se tornarem agentes agitadores ativos.

A partir de meados da década de 1960, a polícia federal e local ampliou enormemente sua perturbação das organizações e coalizões dos movimentos sociais por meio de agitadores, incluindo o SCLC de King, o Comitê Coordenador Estudantil Não-Violento (SNCC, em inglês), o Congresso para a Igualdade Racial (CORE, em inglês), a campanha Poor People (Pessoas Pobres) e um incontável número de campanhas locais de ação direta não violenta. Para 1967, essas diversas operações se consolidaram no que o FBI chamou de "COINTELPRO-Movimento de Libertação Negra", e o número de escritórios locais do FBI envolvidos aumentou de 23 para 41. De 1967 a 1968, o número de agentes envolvidos nessa operação COINTELPRO aumentou de 1.246 para 1.678.

Para o FBI, os resultados de seus esforços foram promissores. Aproveitando o desespero, a frustração e a raiva de muitos ativistas sinceros, os agitadores conseguiram enfraquecer os movimentos incitando divisões, rivalidades, escândalos e fomentando um declínio significativo da disciplina não violenta e um crescente desvio em vários níveis de violência do movimento social. Por exemplo, após uma amarga divisão, os líderes do SNCC, H. Rap Brown e Stokely Carmichael, mudaram o nome da organização de Comitê Coordenador Estudantil Não-Violento para Comitê Coordenador Nacional Estudantil. Brown e Carmichael também adotaram retoricamente a autodefesa violenta em manifestações em massa e, com o tempo, até uma violência política ofensiva cada vez maior. Isso só criou mais espaço para que os agitadores agissem.

O espírito cultural começou a mudar e surgiram distúrbios em muitas cidades do interior, o que ajudou a justificar uma repressão governamental ainda mais intensa e diminuiu o apoio público ao movimento por justiça racial. Como explica o acadêmico de estudos afro-americanos Manning Marable:

Nos meses de primavera e verão de 1964, 1965, 1966, 1967 e 1968, se espalharam rebeliões negras em massa por quase todas as grandes cidades dos EUA no nordeste, no meio-oeste e na Califórnia... Combinando todo o peso da destruição socioeconômica, de 1964 a 1972, as rebeliões nos guetos provocaram cerca de 250 mortes, 10.000 feridos graves e 60.000 prisões, custeadas pela polícia, tropas e outras medidas coercitivas tomadas pelo Estado, além de perdas comerciais de bilhões de dólares (citado em Churchill e Vander Wall, 1990).

É possível que parte desses distúrbios tenha sido provocada, ou diretamente alimentada, por agitadores. No entanto, o registro documental tende a focar mais na infiltração de agitadores dentro das ações em andamento dos movimentos sociais organizados.

Um grupo que se organizou explicitamente como uma ala violenta dentro do movimento de Libertação Negra foi o Partido das Panteras Negras, fundado em Oakland, Califórnia, em 1966. Rapidamente teve filiais em dezenas de cidades. No início, as Panteras Negras tinham três focos principais: campanhas eleitorais locais; programas de serviço direto como cafés da manhã escolares e programas extracurriculares; e patrulhas armadas no centro da cidade para proteger os negros da brutalidade e do assédio policial.

O FBI focou imediatamente nesse grupo e usou agitadores para promover divisões internas, incentivar as Panteras Negras a adotarem a violência ofensiva e demonizar a imagem do grupo na mente da sociedade para justificar uma repressão intensa, incluindo a designação policial contra alguns de seus líderes.

Churchill e Vander Wall escreveram um livro inteiro intitulado *Agents of Repression* sobre esse tema, mas outros pesquisadores também documentaram a guerra do FBI contra as Panteras Negras, incluindo o uso de agitadores pelo governo. Como observou o jornalista do *New York Times* Giovanni Russonello (2016):

“Só anos depois o Comitê Church do Senado mostrou como o FBI trabalhou de forma contínua contra as Panteras Negras e quanto influenciou a cobertura da imprensa. Incentivou as forças policiais urbanas a confrontar as Panteras Negras; infiltraram informantes e agitadores; e intimidaram membros da comunidade local que simpatizavam com o grupo.”

Gary Marx (1974) também oferece um resumo de algumas das atividades do FBI e da polícia local usadas contra as Panteras Negras. Estes são apenas alguns dos muitos exemplos:

- Em Nova York, 13 Panteras Negras acusados de conspirar para colocar bombas em locais públicos receberam 60 cartuchos de dinamite de um informante do FBI.
- Um detetive de Nova York ajudou a abrir o escritório de Harlem e depois a filial do Bronx das Panteras Negras. Ele entrou para o partido antes de qualquer um daqueles contra quem testemunhou no julgamento dos Panteras 13. Reconheceu que suas atividades iam além da mera infiltração.
- Outro policial disfarçado estava encarregado da distribuição do jornal das Panteras Negras na área metropolitana e era o tenente de finanças.

- Em outro caso envolvendo as Panteras Negras de Indiana e Nova York, os agentes policiais supostamente induziram militantes negros a assaltar e roubar um banco, oferecendo-lhes armas, um mapa do alvo e até um carro para fuga.
- A invasão em Chicago onde mataram Fred Hampton e Mark Clark foi baseada no relatório de um informante do FBI sobre um esconderijo de armas, embora poucas armas tenham sido encontradas. O chefe de segurança das Panteras Negras na época e guarda-costas de Hampton era um informante pago pelo FBI. Em seu depoimento no tribunal, ele revelou que suas funções eram “garantir que todos os membros estivessem devidamente armados e que suas armas funcionassem, filtrar e investigar possíveis informantes e construir dispositivos de segurança.”

Curiosamente, embora Churchill e Vander Wall continuem firmes crentes na ideia de que a resistência violenta é uma alternativa mais eficaz e poderosa em comparação com a resistência civil, eles documentam na verdade com grande detalhe como as elites do poder utilizaram agitadores para mudar o caráter dos movimentos, tornando-os mais violentos e, portanto, menores, menos eficazes e mais fáceis de reprimir sem repercussão pública. Como seu trabalho revela bem, operações como o COINTELPRO prejudicam os movimentos e diminuem sua efetividade. Esses dois autores até refletem que esses esforços “talvez expliquem grande parte da negatividade com que o movimento de libertação negra passou a ser visto publicamente no final da década de 1960” (Churchill e Vander Wall, 1990).

*DEPOIS DO INÍCIO DA DÉCADA DE 1970,
AS OPERAÇÕES DO COINTELPRO
CONTINUARAM SOB NOVOS NOMES,
VISANDO GRUPOS NÃO-VIOLENTOS.*

A pesquisa realizada pelo professor da Universidade de Princeton, Omar Wasow, confirma a hipótese de Churchill e Vander Wall de que tais mudanças para a violência por parte de alguns grupos do movimento geraram percepções públicas que prejudicaram o movimento pela justiça racial nos Estados Unidos durante a década de 1960. O rascunho do artigo de trabalho de Wasow de 2016, intitulado “Do Protests Matter? Evidence from the 1960s Black Insurgency” (que foi adaptado e publicado pela *American Political Science Review* no início de 2021), analisa de perto os diferentes impactos nos padrões de votação, opinião pública e discurso dos líderes do pensamento político em resposta a:

1. distúrbios e táticas violentas, como as promovidas por agitadores; e, em contrapartida,
2. táticas não-violentas disciplinadas, que os agitadores procuram enfraquecer.

Através de um desenho de pesquisa complexo que avaliou dados a nível de condado e padrões de votação, Wasow descobriu que a proximidade à resistência civil disciplinada (isto é, protestos não-violentos) fez com que os brancos focassem no tema da “igualdade” e dos “direitos civis”, enquanto a proximidade às protestas violentas e aos distúrbios mudou seu foco em direção à “lei e à ordem” e fizeram com que se tornassem mais favoráveis à repressão estatal contra o Movimento de Libertação Negra. Os protestos não violentos também “ajudaram a crescer a coalizão igualitária de liberais brancos, moderados brancos e negros”, mas os protestos percebidos como violentos fortaleceram uma coalizão oposta que promoveu uma perspectiva mais racista e autoritária. Essas mudanças tiveram repercussões importantes na política e na sociedade.

Criticamente, Wasow (2016) descobriu que “nas eleições presidenciais, a proximidade das manifestações não violentas lideradas por negros provocou uma maior participação dos democratas brancos, enquanto a proximidade das manifestações violentas lideradas por negros provocou uma diminuição substancialmente importante e provavelmente inclinou a eleição de 1968 de Hubert Humphrey para Richard Nixon”. Wasow (2016) conclui dizendo: “As táticas importam... e embora a violência em resposta à repressão muitas vezes seja justificável, esta pesquisa sugere que pode não ser estratégica”.

Apesar da atividade de agitadores e comportamentos similares que prejudicaram e enfraqueceram os movimentos sociais estadunidenses no final da década de 1960, ainda foram alcançadas algumas reformas importantes. A diminuição da eficácia do movimento foi amplamente mitigada pela persistência nas estratégias disciplinadas de resistência civil por parte de muitos ativistas do movimento e pela exposição pública da atividade dos agitadores no início e meados da década de 1970. A mídia e as audiências do Congresso sobre o comportamento antidemocrático do FBI e da CIA sem dúvida contribuíram para provocar um repúdio público a essas instituições.

Essa exposição pública também resultou na cessação do uso do nome e da linguagem do COINTELPRO pelo FBI e pelos departamentos de polícia locais, que passaram a ser ainda mais reservados sobre tais atividades. De fato, o FBI começou a participar de grandes esforços de relações públicas para rejeitar aparentemente o “velho e ruim” FBI de grande parte do século XX e contrastá-lo com o FBI supostamente “novo”, democrático e reformado, que não mais empregava esse tipo de táticas policiais.

Em vez de falar de subversivos políticos cujo enfoque na paz, justiça e qualidade ambiental os tornava ameaças para a “ordem estabelecida dos Estados Unidos”, os termos da época passaram a ser “terroristas” e “extremistas violentos”. Com essa retórica manipulada, após o início da década de 1970, as operações do COINTELPRO continuaram sob novos nomes, mirando grupos não violentos, independentemente de esses grupos usarem os canais institucionais normais ou a

resistência civil. Os agitadores também empurraram grupos armados de autodefesa, como o Movimento Indígena Americano, para a ofensiva política violenta.

O livro de Churchill e Vander Wall, *The COINTELPRO Papers*, conclui de forma reveladora com um capítulo intitulado “COINTELPRO Lives On” (“COINTELPRO Continua Vivo”). Como eles explicam (1990):

Os resultados de tal subterfúgio linguístico foram... facilmente evidentes durante a década de 1980, quando foi revelado que o FBI havia usado o rótulo de “investigação terrorista” para justificar a realização de uma “investigação” de vários anos da organização não violenta CISPES (sigla em inglês para Comitê de Solidariedade com o Povo de El Salvador) — que foi ampliada para incluir pelo menos outros 215 grupos, incluindo Clérigos e Leigos Preocupados, as Irmãs Maryknoll, Anistia Internacional, o Grupo de Trabalho Inter-religioso de Chicago, a Conferência Católica dos EUA e a Associação de Educação da Virgínia — que se opunham à política dos Estados Unidos na América Central. Nem é preciso dizer que a operação do CISPES enfrentou as táticas sistemáticas, então consagradas, do COINTELPRO, como o uso de infiltrados/agitadores, desinformação, “operações de bolsa preta” [ou seja, operações clandestinas de invasão domiciliar], interceptações telefônicas, “vigilância ostensiva (para fazer as pessoas-alvo acreditarem que ‘há um agente atrás de cada caixa de correio’), etc.

AS CAMPANHAS COM MENOR
DISCIPLINA NÃO-VIOLENTA
PROVOCARAM EFEITOS
CONTRAPRODUCENTES MENOS
PODEROSOS CONTRA O USO DA
REPRESSÃO GOVERNAMENTAL

Mais recentemente, em 2020, em um esforço semelhante da elite do poder para difamar os movimentos como violentos e destrutivos, o então presidente Donald Trump satanizou os levantes do Movimento Black Lives que se organizaram para protestar contra o racismo institucional e a brutalidade policial após o assassinato policial de George Floyd em 25 de maio em Minneapolis, Minnesota. Trump culpou repetidamente, sem apresentar nenhuma evidência, os anarquistas e os simpatizantes do movimento pelos incêndios criminosos, saques e violência nas ruas que acompanharam alguns dos primeiros protestos em todo o país. Ele tentou difamar todo esse movimento de resistência civil com essas ações marginais e chamou todos os manifestantes de “escória” e “arruaceiros”, apesar de um estudo

detalhado discutido no Washington Post mostrar que, das milhares de manifestações do Black Lives Matter nos Estados Unidos durante 2020, “96,3% não envolveram danos à propriedade nem ferimentos policiais, e em 97,7% dos eventos não foram reportados ferimentos entre participantes, transeuntes ou a polícia” (Chenoweth e Perryman, 2020).

A tática difamatória de Trump foi facilitada pelas distorções da mídia conservadora e pelo fato de que, em agosto de 2017, o FBI emitiu um relatório intitulado “Extremistas de identidade negra provavelmente motivados a mirar em agentes da lei” (Divisão de Contraterrorismo do FBI, 2017). Esse relatório oficial focou em grupos como o Movimento Black Lives, enquanto praticamente ignorou as milícias supremacistas brancas ilegais que, posteriormente, a direção do FBI reconheceu publicamente como uma grande ameaça ao terrorismo doméstico. Com base nos padrões anteriores de comportamento do FBI, seu relatório de 2017 parecia abrir caminho para a vigilância e possível atividade de agitadores contra grupos de ativistas não violentos que protestavam contra a violência policial contra negros desarmados.

No entanto, em 2020, os esforços para difamar o movimento como violento não foram tão eficazes quanto foram no final da década de 1960 e início da de 1970. Por um lado, muitos organizadores do Movimento Black Lives foram muito persistentes em seus esforços de resistência civil massiva e frequentemente se desvincularam das pessoas envolvidas em incêndios criminosos, saques e brigas de rua. Também levantaram a questão dos agitadores e das operações de “bandeira falsa” realizadas por grupos de milícias armadas como os Boogaloo Bois, como parte da violência e destruição de propriedades que ocorreram durante os protestos. Um exemplo importante foi o caso amplamente divulgado de como um supremacista branco, apelidado de “Homem do Guarda-Chuva”, fingiu ser apoiador do movimento Black Lives Matter (BLM) em Minneapolis e foi o primeiro a iniciar danos indiscriminados à propriedade nas margens de uma manifestação multirracial não violenta em Minneapolis para desacreditar o movimento BLM (julho de 2020).

Alguns meios de comunicação de massa também pareceram menos cúmplices do que costumavam ser na década de 1960. Como escreve a comentarista de mídia Deborah Mathis (2020):

“A cobertura inicial descreveu as manifestações como uma ameaça à paz e à segurança pública, com arruaceiros e saqueadores que permitiram difamar a mensagem do movimento. No entanto, isso logo desapareceu, pois muitos ativistas se distanciaram desses comportamentos e compartilharam exemplos de agitadores e infiltrados que cometeram atos violentos. Uma vez que se livraram desse espetáculo secundário, as câmeras capturaram os manifestantes não violentos, uma esmagadora maioria, sentados nos parques, ajoelhados em oração ou reunidos ao redor de um grupo de violinistas... A violência que ocorreu foi, principalmente, pelas

forças da ordem em sua resposta ironicamente brutal às pessoas que protestavam contra a brutalidade policial.”

Tudo isso ajudou para que a repressão do governo fosse contraproducente e beneficiou o movimento em grau significativo. No entanto, agora podemos ver como as elites do poder e os opositores dos movimentos podem usar as atividades dos agitadores para enfraquecer a unidade dos movimentos de resistência civil, desacreditá-los aos olhos do público em geral e justificar uma repressão maior e mais draconiana por parte da polícia e das forças de segurança.

“DERRAMAR ÓLEO NO FOGO?”

Infelizmente, alguns ativistas sinceros, mas equivocados, acabam, sem saber, fazendo o trabalho dos agitadores ou facilitando uma maior influência deles dentro dos nossos movimentos. Algumas dessas vozes apresentam argumentos bem sofisticados e que podem soar persuasivos. Eu poderia citar vários exemplos aqui, mas vou escolher apenas um: o artigo de Ben Case de 2017, publicado na revista ROAR. No artigo, Case ecoa muitos outros ativistas sinceros de movimentos ao redor do mundo ao argumentar que a combinação de táticas violentas e não violentas pode aumentar a eficácia dos movimentos que lutam contra a opressão e a injustiça.

No caminho, Case usa alguns bons argumentos em seu ensaio. Quem não concordaria, por exemplo, que deveríamos selecionar táticas “baseadas no potencial dessas ações para desbaratar sistemas opressores, gerar poder e alcançar objetivos de curto prazo que possam levar a vitórias a longo prazo”? Ele está certo quando indica que a distinção mais importante a fazer ao escolher táticas é entre escolhas táticas estratégicas (que têm maior probabilidade de aumentar a eficácia do movimento) e escolhas táticas não estratégicas (que podem satisfazer as fantasias românticas de alguns ativistas ou necessidades emocionais momentâneas, mas que na verdade são contraproducentes para um movimento e diminuem suas chances de sucesso).

Ele até argumenta que a luta armada em larga escala não é útil para aumentar a eficácia do movimento e cita a pesquisa pioneira de Erica Chenoweth e Maria Stephan em seu premiado livro, *Por que a resistência civil funciona*. Como Case explica, essas duas pesquisadoras demonstraram de forma convincente que predominantemente “movimentos não violentos têm o dobro da probabilidade dos violentos de alcançar objetivos políticos ‘maximalistas’ (derrubar um líder, expulsar uma ocupação estrangeira ou separar-se de um território)”. Também reconhece que as táticas violentas tendem a “gerar maior repressão policial” e que “a tolerância da maioria à repressão policial”, especialmente contra protestos violentos, “é bastante alta”.

Case também sugere que um revolucionário eficaz do século XXI se parecerá mais com um participante da resistência civil de Gandhi do que com um “guerrilheiro maoísta ou guevarista”. Ele aponta com aprovação que a maioria dos ativistas por mudanças sociais “atualmente não discutem seriamente pegar em armas e ir para as montanhas fazer guerra de guerrilha”. Ele também elogia acadêmicos que estudam resistência civil por articularem muitos “métodos fáceis de usar para desmontar alvos institucionais por meio da disrupção criativa não violenta”. Como ele observa, “os princípios chave da resistência civil, como a não cooperação, a

participação em massa, a polarização e o efeito contraproducente, são importantes e úteis.”

No entanto, depois de apresentar todos esses argumentos sólidos, Case dá um salto lógico repentino e afirma, do nada, que há “muitas razões” para acreditar que os movimentos atuais seriam muito mais eficazes se complementassem suas táticas de resistência civil não violenta com o frequente “uso de ações violentas de baixo nível”, que ele descreve como distúrbios, quebrar janelas, brigas de rua com policiais violentos, agressões a contra-manifestantes e incêndios criminosos. Infelizmente, ele não oferece nenhuma evidência para sustentar essa afirmação. Tudo o que ele apresenta é a observação de que o conjunto de dados original *Nonviolent and Violent Conflicts and Outcomes* (NAVCO), usado pelas destacadas acadêmicas para fazer comparações entre a dinâmica e os impactos de movimentos não violentos e violentos, não está suficientemente calibrado para descartar conclusivamente sua afirmação — sem evidência — sobre a suposta eficácia superior de misturar táticas não violentas com ações violentas de baixo nível (que ele e outros chamam de apoio a uma “diversidade de táticas”).

No entanto, como mencionei anteriormente, as descobertas de Omar Wasow (2016) sobre a insurgência negra dos EUA na década de 1960 fornecem fortes evidências de que trabalhar para fomentar maior disciplina não violenta dentro dos nossos movimentos é uma abordagem mais estratégica do que o chamado enfoque de diversidade de táticas defendido por Case e outros. Pesquisas posteriores também apoiam essa conclusão. Por exemplo, no livro *Nonviolent Revolutions*, Sharon Erickson Nepstad (2011) analisa estudos comparativos pareados de campanhas de resistência civil contra regimes comunistas, ditaduras militares e autocratas. Em cada categoria, ela descobriu que os movimentos nacionais de resistência civil que falharam apresentavam níveis significativamente mais baixos de disciplina não violenta do que os três casos bem-sucedidos que estudou. Sua conclusão é que campanhas com menor disciplina não violenta provocaram efeitos contraproducentes menos poderosos contra a repressão do governo e menos deserções na polícia, exército e serviços de segurança do que os casos bem-sucedidos que estudou.

Erica Chenoweth também continuou realizando pesquisas inovadoras sobre esse tema. Chenoweth constata que, desde a década de 2000, houve um aumento no número de campanhas de resistência civil em nível mundial, o que é uma boa notícia. A má notícia é que, embora as campanhas de resistência civil ainda sejam mais do que duas vezes mais eficazes do que as campanhas violentas, sua taxa geral de sucesso desde 2006 tem diminuído. Por quê? Em um relatório preliminar de política de 2016 intitulado “The Rise of Nonviolent Resistance”, Chenoweth apresenta quatro razões prováveis para esse desenvolvimento que merecem consideração. Uma das mais importantes é que, desde 2006, “uma proporção maior de levantes predominantemente não violentos tolera, adota ou não consegue conter

os flancos violentos” (Chenoweth, 2016). Chenoweth depois apresenta um gráfico que documenta um aumento nas taxas de flancos violentos junto às campanhas de resistência civil durante o mesmo período de declínio na eficácia das campanhas de resistência civil.

Essas descobertas, assim como os achados atualizados no artigo de Chenoweth (2020) “The Future of Nonviolent Resistance”, sugerem que ativistas e organizadores devem ser muito céticos quanto às alegações feitas por ativistas sinceros que defendem ou se envolvem no uso de violência de baixo nível ou violência ainda mais destrutiva junto com atividades de resistência civil organizada.

Além da própria pesquisa, a evidência mais forte que contradiz a proposta da diversidade de táticas, para mim, é o fato pouco discutido, mas agora bem documentado, de que os agitadores há muito tempo defendem táticas violentas para prejudicar os movimentos não violentos. Claro que seus motivos são diferentes dos dos ativistas sinceros, pois eles não veem esse comportamento como algo que fortaleça os movimentos. De fato, as elites do poder que contratam agitadores entendem claramente que enfraquecer a disciplina não violenta de um movimento e incentivar a violência de baixo nível torna os movimentos mais fáceis de derrotar. Se não fosse assim, qual seria a probabilidade de os regimes opressores ao redor do mundo continuarem gastando tanto tempo, recursos humanos e dinheiro tentando fazer com que os ativistas dos movimentos sociais participem desse tipo de atividade violenta?

Me dói mencionar que nunca foi documentado nenhum agitador que incentive um movimento a adotar uma estratégia disciplinada de resistência civil, e que os argumentos usados pelos agitadores são frequentemente imitados por ativistas sinceros, mas equivocados. Os tipos de argumentos que justificam a violência que ouvi repetidamente ao longo dos anos incluem:

- Só os covardes evitam a violência.
- O mal deve ser esmagado por todos os meios.
- A violência é muito mais radical, e quando a injustiça é extrema, uma resposta mais radical é necessária.
- A violência é uma forma mais rápida de conseguir a mudança que precisamos.
- Temos o direito de nos defender.
- Enfrentamos inimigos poderosos e a violência é o poder que precisamos.

- É estúpido limitar nossas opções.
- Mesmo que você pense que a violência do movimento geralmente não é estratégica, deve incluir as pessoas que discordam de você, ou senão você está sendo intolerante e violando a liberdade das pessoas de fazer o que quiserem.
- Os violentos motivam o inimigo a negociar com os mais moderados, nossos aliados menos corajosos.
- Renunciaremos às nossas opções violentas somente quando o Governo e todos os nossos outros inimigos renunciarem à opção de ser violentos contra nós.
- A violência é a única linguagem que o opressor entende.
- Eles nos tiraram nosso futuro. TOMEMOS DELES.

Um jovem ativista com quem conversei há alguns anos disse:

“Me surpreendeu quantas pessoas na minha bolha das redes sociais apoiam as coisas do Bloco Negro/Antifascista”, especialmente o chamado deles por uma “diversidade de táticas”. De fato, esse lema tem se mostrado uma forma muito eficaz de promover a violência entre os ativistas, ou pelo menos a tolerância à violência.

Parece estratégico e inclusivo, certo? No entanto, isso depende se estamos falando de uma diversidade de táticas eficazes, que aumentam a participação e o poder do movimento ao longo do tempo, ou de uma mistura mal planejada de táticas violentas contraproducentes adicionadas às ações de resistência civil de modo que muitas vezes diminuem a participação e a eficácia do movimento.

Embora o lema “diversidade de táticas” soe bem, a frase, que frequentemente usam os agitadores, é na verdade só uma forma eficaz de vender essa segunda e defeituosa perspectiva — A MELHOR SOLUÇÃO É NÃO DESCONFIAR DE TODOS, MAS EVITAR ESSA TENSÃO POTENCIALMENTE DESASTROSA POR MEIO DA ADOÇÃO E CUMPRIMENTO DE UM CÓDIGO DE CONDUTA CLARO PARA TODOS — em favor da violência para ativistas confiantes.

Combater a promoção da violência ineficaz exigirá esforço. Uma ativista com quem falei disse que acredita que mais ativistas devem se manifestar e desafiar o pensamento confuso por trás do lema da “diversidade de táticas”. Ela falou sobre estar numa conferência sobre movimentos sociais onde um palestrante “defendia totalmente a ‘diversidade de táticas’ como seu direito.”

Ela acrescentou: “Se eu tivesse tido oportunidade, teria gostado de conversar com ele e outros participantes da conferência sobre como o ‘direito de usar violência’ não é só uma escolha individual.”

Ela está certa nisso. Num beco escuro, quando você está cara a cara com um agressor violento, pode ser produtivo usar violência contra essa pessoa para salvar sua vida. Contudo, um indivíduo ou um pequeno grupo de ativistas que usa violência numa ação de um movimento em massa pode colocar muitas pessoas inocentes em risco, muitas vezes violando acordos democráticos coletivos, e não funciona para minimizar a gravidade da opressão ou conseguir uma vitória contra um oponente com força violenta esmagadora e recursos materiais. De fato, reduz as chances de uma vitória coletiva.

Reafirmar o direito individual de participar violentamente em ações de resistência civil organizada é como quando uma corporação alega ter o direito de tomar decisões de produção prejudiciais, independentemente dos impactos negativos para seus trabalhadores, clientes ou terceiros externos. Esse “direito” à liberdade corporativa é visto por alguns fundamentalistas do livre mercado como sagrado. Muitas pessoas simplesmente aceitam essa noção distorcida de livre iniciativa, outro termo de marketing que soa positivo, embora suspeitem que esse enfoque na verdade corrompa nossa economia e prejudique tanto as pessoas quanto o planeta.



Um manifestante do Bloco Negro escreve “Matem todos os policiais” em um anúncio público.

Há um verdadeiro paralelo aqui. Alguns ativistas que jamais se envolveriam na violência contraproducente do movimento rotineiramente ficam em silêncio, passivos ou confusos quando uma pequena minoria de ativistas invoca a retórica que soa positiva de uma “diversidade de táticas” e “direitos individuais” para usar a violência. Essa passividade diante da promoção da violência é problemática porque não ajuda os movimentos a vencerem. Isso torna o sucesso muito mais difícil e facilita muito a influência negativa mais forte dos verdadeiros agitadores dentro dos nossos movimentos.

RESPONDENDO EFETIVAMENTE

Creio firmemente que desenvolver uma consciência sobre o problema dos agitadores e comportamentos similares pode ajudar todos os ativistas e organizadores a serem mais eficazes. No entanto, essa consciência por si só não é suficiente. O próximo passo necessário é explorar e experimentar formas que permitam que ativistas e organizadores trabalhem juntos para tornar nossos movimentos imunes à influência negativa dos comportamentos de agitadores, independentemente de quem se envolva neles.

Nem todas as respostas dos ativistas no passado se mostraram eficazes para lidar com esse problema tão real. Como destaca Gary Marx (1974), as respostas dos movimentos aos agitadores tipicamente variaram entre extremos. Por um lado, “ignorar os agitadores”, e por outro, “uso de técnicas rígidas de segurança e suspeita paranoica de todos”. Nenhum desses extremos se mostrou muito eficaz, ou, se é eficaz no curto prazo, o remédio em si pode ser muito prejudicial para o crescimento geral do movimento. Ao oferecer um exemplo desse fenômeno contraproducente no Movimento de Libertação Negra dos anos 1960 nos Estados Unidos, Marx observa que as Panteras Negras “pararam de aceitar novos membros durante um período para tentar evitar infiltrações”.

Em outro exemplo, em 2019, manifestantes pró-democracia que ocupavam o aeroporto de Hong Kong notaram o comportamento contraproducente de um participante e suspeitaram que ele fosse um agitador. Então, vários manifestantes “o agarraram, revistaram e descobriram que o nome no seu passaporte [Xu Jinyang] correspondia ao de um policial auxiliar da cidade vizinha de Shenzhen” (Sweet, 2019). Em resposta, eles o amarraram imediatamente e depois o maltrataram. Logo começaram a chutá-lo com força, “uma decisão que poderia tê-lo levado à morte, se não fosse pela intervenção de um repórter local, Richard Scotford, que protege o acusado e alertou a multidão de que seu mau tratamento representaria uma vitória para a propaganda do continente.” Acontece que esse jornalista estava certo, pois as imagens desses eventos foram usadas em reportagens que retratavam o movimento como uma ameaça violenta. Devido à resposta impulsiva e altamente contraproducente com Xu Jinyang, apesar de ele ter sido capturado, ele teve bastante sucesso em sua missão.

Para termos mais sucesso em nosso trabalho, precisamos encontrar formas melhores de lidar com o problema do comportamento semelhante ao de agitadores em nossos movimentos. A ativista Lisha Sterling oferece orientações. Primeiro, ela aponta como pode ser difícil e até prejudicial tentar diferenciar entre agitadores e ativistas sinceros, porém equivocados. Sterling (2020) aconselha então a focar mais no comportamento do que na suposta motivação subjacente, afirmando:

“No final, pode haver algumas pessoas que você nunca descobrirá que são infiltradas até muito depois de tudo ter terminado. A melhor solução para o problema do infiltrado desconhecido não é desconfiar de todos, mas evitar totalmente essa tensão potencialmente desastrosa por meio da adoção e cumprimento de um código de conduta claro para todos os participantes. Se você isolar as pessoas que se recusam a manter os protocolos de segurança acordados ou que violam o código de conduta, terá efetivamente derrotado o inimigo dentro do seu acampamento.”

Além disso, os ativistas devem estar preparados para defender internamente a necessidade dos métodos não violentos e explicar por que a violência provavelmente será contraproducente para o movimento e aumentará o risco de fracasso. Seja o marketing da violência vindo de um agitador infiltrado ou de um ativista sincero, porém equivocado, o antídoto mais importante é ser audaz e levantar perguntas e perspectivas estratégicas dentro dos diálogos e debates do movimento, em vez de acusá-los de más intenções. Precisamos aprender a desafiar as muitas suposições inúteis por trás do slogan de “diversidade de táticas” e começar a chamá-lo pelo que é: o marketing da violência que historicamente tem sido promovido por agitadores. Outras ações úteis que podem ajudar nossos movimentos a ter sucesso incluem:

- Promover mais pesquisa das ciências sociais baseada em evidências sobre a eficácia do movimento para enfraquecer o pensamento convencional pouco fundamentado e as noções revolucionárias românticas com pouca validade estratégica;
- Educar mais ativistas e organizadores na história e estratégia da resistência civil eficaz, assim como na história e estratégia do uso de agitadores pelas elites do poder;
- Alternar ocasionalmente entre diferentes táticas de resistência civil, para que os membros do movimento sejam menos vulneráveis à incitação dos agitadores e para aumentar a possibilidade de que a repressão violenta contra um movimento não violento se torne contraproducente, aumentando a participação popular e levando a mais deserções dentro dos pilares de apoio da instituição atacada;
- Estabelecer um compromisso coletivo claro com a disciplina não violenta em todos os nossos chamados à ação e evitar a retórica da “diversidade de táticas”;
- Fornecer treinamentos antes das principais ações de resistência explicando por que manter a disciplina não violenta aumenta a eficácia do movimento;

- Ajudar as pessoas a desenvolver a capacidade de manter o foco no objetivo diante da repressão e da incitação de agitadores ou ativistas desviados;
- Incentivar a formação de pequenos grupos de apoio/afinidade dentro dos movimentos, como células dentro de uma ação maior para ajudar a manter um comportamento eficaz, aumentar a responsabilidade pessoal, oferecer ajuda mútua e ajudar as pessoas a lidar com suas emoções diante da repressão violenta e provocação;
- Utilizar forças de paz treinadas em nossas ações para ajudar ativistas bem-intencionados a não cair na armadilha e evitar que o movimento desenvolva um comportamento impulsivo e inútil;
- Desafiar a postura machista dentro da cultura do nosso movimento e fomentar a plena participação das mulheres na liderança dos movimentos populares (o que, segundo as pesquisas, geralmente melhora consideravelmente a disciplina não violenta e a eficácia do movimento).

É provável que sempre existam agitadores que tentem semear divisões e incentivar ou usar a violência, assim como alguns ativistas sinceros que promovam noções desacreditadas e contraproducentes sobre os benefícios da violência no movimento. Simplesmente não precisamos comprar o que eles vendem ou ficar em silêncio sobre a ineficácia ou destrutividade de suas ideias e ações. Ao desenvolver nossa capacidade de resistir à propaganda da violência no movimento, podemos tornar nossos movimentos mais bem-sucedidos e nos imunizar contra os danos causados por agitadores e comportamentos semelhantes. Em última análise, isso aumentará nossas chances de obter vitórias pelos direitos, liberdade, justiça e sustentabilidade.

REFERÊNCIAS

"About Us." Undercover Research Project. Consultada el 4 de octubre de 2021, <https://undercoverresearch.net/about-us-2/>.

"Activist 'Bitterly Disappointed' by 'Closed' Report into Undercover Policing." *Belfast Telegraph*, 6 de febrero de 2017. <https://www.belfasttelegraph.co.uk/news/republic-of-ireland/activist-bitterly-disappointed-by-closed-report-into-undercover-policing-35427120.html>.

FBI Counterterrorism Division. "Black Identity Extremists Likely Motivated to Target Law Enforcement Officers." 2017. *FBI Intelligence Assessment*. <https://assets.documentcloud.org/documents/4067711/BIE-Redacted.pdf>.

Case, Ben. "Beyond Violence and Nonviolence." *ROAR Magazine* 5 (June 2017). <https://roarmag.org/magazine/beyond-violence-nonviolence-antifascism/>.

Chenoweth, Erica. "The Rise of Nonviolent Resistance." *PRIO Policy Brief* 19. Oslo: Peace Research Institute Oslo, 2016. <https://www.prio.org/Publications/Publication/?x=9202>.

Chenoweth, Erica. "The Future of Nonviolent Resistance." *Journal of Democracy* 31, no. 3 (2020): 69–84.

Chenoweth, Erica, and Jerry Pressman. "This Summer's Black Lives Protesters Were Overwhelming Peaceful, Our Research Finds." *The Washington Post*, 16 de Octubre de 2020.

Chenoweth, Erica, and Maria J. Stephan. *Why Civil Resistance Works: The Strategic Logic of Nonviolent Conflict*. New York: Columbia University Press, 2011.

"Chinese Agent Provocateur Caught in D'sala." *Tibetan Review: The Monthly Magazine on All Aspects of Tibet* 44, no. 2 (2009): 12–13.

Churchill, Ward, and Jim Vander Wall. *The COINTELPRO Papers: Documents from the FBI's Secret Wars Against Domestic Dissent*. Boston: South End Press, 1990.

Dodd, Vikram. "Undercover Protester: Fine Line Between Undercover Observer and Agent Provocateur." *The Guardian*, 11 de enero de 2011.

Doward, James and Mark Townsend. "G20 Police 'Used Undercover Men to Incite Crowds.'" *The Guardian*, 9 de mayo de 2009.

Flegg, Erin. "Undercover Canada: Police Surveillance of G20 Activists Threatens Future Dissent." *This Magazine* 45, no. 6 (2012).

Hamilton, Johanna, dir. 1971. Documentary film. New York: Cargo Film and Releasing, 2014. <https://www.1971film.com/>.

Heid, Bill. "How to Identify an Agent Provocateur." *Off the Grid News*. 2011. <https://www.offthegridnews.com/self-defense/how-to-identify-an-agent-provocateur/>.

Jany, Libor. "Minneapolis Police Say 'Umbrella Man' Was a White Supremacist Trying to Incite George Floyd Rioting." *Minneapolis Star Tribune*, 28 de julio de 2020. <https://www.startribune.com/police-umbrella-man-was-a-white-supremacist-trying-to-incite-floyd-rioting/571932272/>.

Kahf, Mohja, and Maciej Bartkowski. "The Syrian Resistance: A Tale of Two Struggles." *OpenDemocracy*, 23 de septiembre de 2013. <https://www.opendemocracy.net/en/civilresistance/syrian-resistance-tale-of-two-struggles/>.

Lewis, Paul, and Rob Evans. "Activists Walk Free as Undercover Officer Prompts Collapse of Case." *The Guardian*, 10 de enero de 2011. <https://www.theguardian.com/environment/2011/jan/10/activists-undercover-officer-mark-kennedy>.

Marx, Gary. "Thoughts on a Neglected Category of Social Movement Participant: The Agent Provocateur and the Informant." *American Journal of Sociology* 80, no. 2 (1974): 402–42.

Mathis, Deborah. "Paradigm Shift: Media Imagery and the BLM Movement." *Minds of the Movement* (blog), 3 de julio de 2020. https://www.nonviolent-conflict.org/blog_post/paradigm-shift-media-imagery-and-the-blm-movement/.

Nepstad, Sharon Erickson. *Nonviolent Revolutions: Civil Resistance in the Late 20th Century*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Russonello, Giovanni. "Fascination and Fear: Covering the Black Panthers." *New York Times*, 16 de octubre de 2016.

Sharp, Gene. *Waging Nonviolent Struggle: 20th Century Practice and 21st Century Potential*. Boston: Porter Sargent Publishers, 2005.

Singh, Pashaura. "Deconstructing the Punjab Crisis of 1984: Deer, Hawks, and Siqdārs ('Officials') as Agents of State-Sponsored Violence." *Sikh Formations: Religion, Culture, Theory* 12, nos. 2/3 (2016): 173–90.

Steele, Chris. 2012. "Conversation with Noam Chomsky about Social Justice and the Future." *Jesuit Higher Education* 1, no. 2 (2012): 32–42.

Sterling, Lisha. "Insider Threats: A Closer Look at Infiltrators and Movement Security Culture." *Minds of the Movement* (blog), 15 de septiembre de 2020. https://www.nonviolent-conflict.org/blog_post/insider-threats-a-closer-look-at-infiltrators-and-movement-security-culture/.

Sweet, Matthew. "Hong Kongers Can't Always Tell Cops from Comrades." *Foreign Policy*, 20 de agosto de 2019. <https://foreignpolicy.com/2019/08/20/hong-kongers-cant-always-tell-cops-from-comrades/>.

Wasow, Omar. "Do Protest Tactics Matter? Evidence from the 1960s Black Insurgency." Unpublished. 10 de enero de 2016. <https://www.americanvoiceforfreedom.org/wp-content/uploads/2017/06/Do-Protest-Tactics-Matter-1.pdf>.

York, Steve, dir. *A Force More Powerful: A Century of Nonviolent Conflict*. Documentary film. Washington, DC: York-Zimmerman, 2000. <https://www.nonviolent-conflict.org/force-powerful-english/>.

Sobre o autor

Steve Chase é um organizador, educador e escritor com longa trajetória. Durante quatro anos, atuou como diretor de Iniciativas Acadêmicas no *International Center on Nonviolent Conflict* (ICNC), período durante o qual escreveu este volume. Atualmente, é vice-diretor da *Solidarity 2020 and Beyond*, uma rede de solidariedade e comunidade de prática para organizadores de movimentos de base no Sul Global, que estão aprendendo e aplicando habilidades de mediação, construção da paz e resistência não violenta para conquistar sustentabilidade, direitos, liberdade e justiça.

Agradecimentos

O autor agradece a Hardy Merriman, ex-presidente e diretor executivo do *International Center on Nonviolent Conflict* (ICNC), por sua orientação editorial e por incentivá-lo a pesquisar e escrever uma série de publicações no blog “*Minds of the Movement*”, que foram utilizadas e adaptadas neste artigo. O autor também agradece os comentários editoriais sobre este ensaio feitos pelos colegas do ICNC Amber French, Maciej Bartkowski e Bruce Pearson. Por fim, gostaria de reconhecer a útil pesquisa inédita sobre agitadores desenvolvida por Tom Hastings, professor associado de Resolução de Conflitos na Universidade Estadual de Portland e diretor do programa *PeaceVoice* do Instituto de Paz de Oregon. Seu trabalho alertou o autor para algumas fontes importantes e exemplos internacionais.